

## Aspectos do drama cristão na cultura ocidental

*Juliana Corrêa*

A cultura ocidental tem no cristianismo um dos fundamentos de sua tradição. A função principal do cristianismo em sua origem foi subjugar moralmente os instintos animais desenfreados no Império Romano. Segundo Jung, a religião teve nessa época um papel compensador necessário, porém unilateral, cujo impacto ainda se faz presente nos aspectos morais das religiões e da sociedade atual. Torna-se essencial questionarmos de que forma tal impacto ainda influencia negativamente o indivíduo e a cultura ocidental.

Em algumas vertentes de religiões cristãs (e aqui cabe ao leitor julgar quais sejam elas), o pressuposto de que devemos amar ao próximo como a nós mesmos depara-se com uma contradição em sua aplicabilidade prática. É comum observarmos no contexto dessas instituições - principalmente entre os indivíduos que crêem na moralidade higienista como sinônimo de pureza espiritual – a abundância de pregações e acusações indiscriminadas, que teoricamente visam a ajudar o próximo, mas que podem estar sendo motivadas por uma atitude unilateral rígida ou perfeccionista do próprio caráter. Devemos aqui lembrar que Jung sempre enfatizou o objetivo da psique como sendo a *totalidade*, e não a perfeição. Assim, no que se refere ao processo de individuação, a *sombra*, o arquétipo que diz respeito àqueles conteúdos psíquicos rejeitados pelo ego por serem inadequados, é o primeiro arquétipo a ser trabalhado com o objetivo de ser *integrado*, ao invés de simplesmente ser excluído da consciência. Mas infelizmente, a falta de tolerância, ou lembrando o pressuposto religioso citado acima, a falta de amor próprio e de amor para com o próximo, nesse sentido, não gera apenas um desconforto naqueles que de boa vontade tentam manejar os próprios conflitos. Condenar as falhas alheias pode gerar um ambiente tenso e repressivo, o que impede os conteúdos psíquicos considerados negativos de virem à tona para serem trabalhados pelo indivíduo. Tal impedimento pode resultar numa hipocrisia coletiva generalizada, que além de conservar a *sombra* inconsciente, obriga o indivíduo a reforçar a *persona*, acentuando assim a falsa e conhecida postura coletiva de benevolência, simpatia ou afeto, o que apenas mantém o indivíduo fragmentado e sem perspectivas de desenvolvimento.

Nietzsche foi bastante impiedoso para com tal rigidez por parte de alguns cristãos, afirmando que os valores do que é “bom” e “mau” nos foram impostos ainda no berço, e que graças a eles nos é perdoado o fato de estarmos vivos (NIETZSCHE: 1986, p.199). Em seus “Seminários sobre o Zarathustra de Nietzsche”, Jung apóia essa afirmação, comentando: “...as categorias morais são uma herança pesada e mesmo perigosa, pois são os instrumentos pelos quais tornamos impossível integrar a Sombra. Nós a condenamos, e portanto a reprimimos.” (JUNG: 1988, p.355)

Para existir o desenvolvimento pessoal e coletivo, portanto, é necessário eliminar a perniciosa necessidade de expor as fraquezas alheias através da aceitação de nossas próprias imperfeições – o que não significa sermos coniventes. Nisto reside o verdadeiro sentido de amar o próximo como a si mesmo. Pois as falhas que mais veementemente apontamos no próximo são precisamente aquelas que não toleramos em nós mesmos, possivelmente por termos a pretensão de estarmos muito além delas. Trata-se, portanto, da projeção da *sombra*: pelo fato de nossa intolerância ou rigidez não nos permitir enxergar os próprios defeitos, acabamos por enxergá-los no outro (independente de este também tê-los ou não), o que nos irrita profundamente, fazendo com que o condenemos indiscriminadamente. Jung criticou ativamente a atitude cristã que, embora pretenda seguir o exemplo de Cristo ( a chamada *imitatio Christi*), pode vivenciá-lo apenas de forma muito superficial:

Cristo acolheu o pecador e não o condenou. A verdadeira imitação de Cristo fará o mesmo e como não se deve fazer ao outro o que não se faria a si mesmo, também devemos acolher o pecador que nós mesmos somos. E assim como não acusamos o Cristo de confraternizar com o mal, também não devemos nos inculpar devido ao amor que sentimos pelo pecador que nós mesmos somos, como se isto representasse um pacto de amizade com o diabo. Melhoramos o outro através do amor e o pioramos através do ódio, o que vale também para nós mesmos. (JUNG: 1994, §37).

Assim, vemos que aceitar verdadeiramente a própria *sombra*, e conseqüentemente o outro, envolve uma quantia de amor próprio da qual raramente se dispõe, e a qual o contexto cristão nem sempre favorece. Infelizmente, uma imitação superficial de Cristo, que geralmente se traduz numa mera comunhão simpática aparente, não transforma o que está logo abaixo da superfície.

Acolher o mal em si e no outro envolve uma análise completa e uma revisão psicológica dos próprios valores morais. Jung atribui os efeitos de uma má conduta antes à ignorância do que à malícia, e alerta para o fato de que, agindo de forma inconsciente, “o que chamamos de Bem muitas vezes produz os mesmos efeitos que o Mal” (SIC):

Uma das raízes mais fortes do Mal é a inconsciência e é por isto que eu tanto gostaria de que o Logion [dito] de Jesus, já mencionado: “Se sabes o que fazes, és feliz; se não sabes, és maldito”, se encontrasse ainda no Evangelho, ainda que só se ache registrado uma vez. Gostaria de antepô-lo como epígrafe a uma renovação moral. (JUNG: 1983, §291).

Nesse sentido, não ter consciência do que se faz, seja obedecendo a leis arbitrárias ou mesmo visando o bem, é ser maldito, segundo Jesus. Não podemos ter a pretensão de determinar se alguém sabe ou não o que faz, pois indivíduos que praticam a mesma ação podem estar em níveis de desenvolvimento muito diferentes. Assim, praticar as mesmas ações dos que “sabem o que fazem”, não significa também sabê-lo, ou ter a consciência daquele, pois somente a condição interna do indivíduo – a qual na maioria dos casos nos é inacessível – pode determinar o que lhe será Bom ou Mau.

Jung também nos alertou para o fato de que a *sombra* é freqüentemente rejeitada não apenas por não se ajustar às regras sociais ou da vida consciente, mas também por razões de conveniência. É conveniente aos líderes religiosos e à expectativa geral, manter a *sombra* alheia longe da vista, e assim a falsa moral se perpetua. Infelizmente tal comodismo subtrai do indivíduo a possibilidade de desenvolver em si a verdadeira moral: “Quem se submete, a priori, à lei ou à expectativa geral, comporta-se como o homem da Parábola, que enterrou o seu talento.” (JUNG: 1983, §292). Embora, segundo Jung, a integração da *sombra* possa envolver desobediência e rebelião, sentir vivamente a presença do arquétipo é suficiente à sua integração. A tendência repressora de conservá-lo inconsciente sem a devida compreensão é o que torna seu efeito maléfico ao indivíduo, e à sociedade como um todo: “...é simplesmente deletério permanecer inconsciente, embora seja precisamente isto o que acontece hoje em dia, em ampla escala, na civilização cristã”. (JUNG: 1983, §292)

A necessidade de impor leis a si ou a outrem é um verdadeiro atestado de barbarismo. A lei e a moral, sendo algo exterior, implica o pressuposto de que ela não existe no interior do homem, ou seja, sem as leis o homem seria um selvagem. Não existe (com ou sem razão), nenhuma confiança na natureza humana como tendo uma orientação interna, pois esta, para a tradição cristã, vem do exterior. Embora Jung declare que o homem abandonado à própria sorte bem poderia se entregar aos instintos e descer a um naturalismo não-ético, também observa que a legislação e a moral daqueles que são deixados à própria sorte, como por exemplo os primitivos, “às vezes ultrapassam de longe as exigências de nossa moral de civilizados” (SIC). A psique tem um equilíbrio próprio, e assim, a ausência de uma pressão moral sobre a consciência

diminui naturalmente a necessidade de extravasar a libido represada. Contudo, para atingir tal equilíbrio moral naturalista, que por sinal é tipicamente oriental, não bastaria eliminar as leis comuns, pois estamos tão longe do “mero” naturalismo a ponto de julgá-lo perigoso por desconfiarmos tanto de nossa moral interior:

Somos ainda tão pouco educados que precisamos de leis de fora e um mestre de disciplina, respectivamente um pai, para sabermos o que é bom e para podermos agir corretamente. E por sermos ainda tão bárbaros é que a confiança nas leis da natureza humana e do caminho humano nos parece um naturalismo perigoso e não-ético. Por quê? Porque no bárbaro, sob a fina pele cultural, logo aparece a besta da qual tem medo, e com razão. Mas este animal não será vencido pelo fato de o mantermos enjaulado. *Não existe moralidade sem liberdade.* Quando um bárbaro solta sua besta, isto não é liberdade, mas falta de liberdade. Para poder ser livre, é preciso antes vencer o barbarismo. Isto acontece, em princípio, quando o fundamento e a força motivadora da moralidade são percebidos e sentidos pelo indivíduo como partes constituintes de sua própria natureza, e não como limitações que vêm de fora. (JUNG: 1991, §400).

A percepção, consciente ou não, de que os instintos são uma ameaça é especificamente o que gera a atitude unilateral que se opõe a eles: o moralismo fanático e arbitrário reage com repulsa a tudo o que não lhe pareça idealmente belo ou bom. Infelizmente não se pode dizer que a totalidade da psique seja bela, e devemos sacrificar a apego à beleza e a ojeriza à feiúra em prol do que é real. Daí a necessidade de aceitarmos e compreendermos a *sombra* a fim de integrá-la, ao invés de nos identificarmos com seu oposto:

... uma consciência que se acha de algum modo em oposição com os instintos pode, em consequência de uma influência enorme exercida pelos arquétipos, considerar os instintos de tal modo subordinados ao espírito, que as mais grotescas complicações “espirituais” podem surgir daquilo que são, indubitavelmente, processos biológicos. Aqui se ignora completamente a instintividade do fanatismo necessário para uma operação desta espécie. (JUNG: 1984, §407)

Conforme sugere Jung, a identificação com qualquer dos opostos – instinto ou espírito - pode representar uma catástrofe sem proporções, pois o lado negligenciado necessariamente provocará uma tensão, que se levada às últimas consequências, terá a cisão da personalidade como resultado. A identificação com um dos opostos implica a separação dos mesmos. O comportamento exagerado ou qualquer falta de controle indica que o impulso contrário, que deveria equilibrar a atitude, está inconsciente, dando margem à livre expressão do descontrole. Somente quando os opostos estão unidos, ou seja, ambos sob a luz da consciência, é que pode haver o equilíbrio, e assim a progressão da libido. Embora a consciência participe de ambas as realidades, se puder *distinguir-se* dos opostos criará um núcleo separado dos mesmos, que é a vontade (JUNG, 1991, §168). As funções opostas exigem cada uma sua própria satisfação, e

apenas o poder da vontade que se encontra além de ambas pode proporcionar a liberdade, a qual isoladamente nenhuma função possui. Infelizmente, tal vontade não pode ser encontrada no estado barbaresco, segundo Jung, pois nesse estado ela está sempre identificada com um dos opostos. Para libertar-se de ambos, a vontade deve retrair a energia dos opostos e fundamentar-se num espaço intermediário entre eles, isto é, no *self*, que é a instância onde os opostos ainda não estão separados. O *self* se diferencia somente à medida que a libido (energia) se torna disponível, ou seja, que se liberta da identificação com os opostos.

A dificuldade de manter os opostos unidos também pode ser observada na identificação coletiva com verdades unilaterais. Aqui a situação é equivalente àquela em que a moral externa imposta é cegamente imitada sem que se encontre uma ressonância interna que a justifique. A crença é um mecanismo artificial auto-imposto ou criado pelo meio, onde não há uma elaboração profunda de seus motivos. Jung cita o homem massificado como exemplo disso:

O eu só conserva sua independência se não se identificar com um dos opostos mas conseguir manter o meio-termo entre eles. Isto só se torna possível, se ele permanece consciente dos dois ao mesmo tempo. Mas esta percepção é dificultada não só pelos chefes sociais e políticos, como também pelos mentores religiosos. Todos eles querem uma decisão em favor de uma determinada coisa e, com ela, a identificação incondicional com uma “verdade” necessariamente unilateral. Mesmo que se tratasse de uma grande verdade, a identificação com ela seria uma espécie de catástrofe, porque obstaria qualquer desenvolvimento posterior. Em vez do conhecimento claro, teríamos apenas a crença, o que, por vezes, é muito mais cômodo e conseqüentemente mais atraente. (JUNG: 1984, §425).

Ainda outro exemplo de uma verdade tendenciosa ingenuamente aceita pela comunidade cristã está na interpretação da parábola bíblica do filho pródigo. Segundo a estória, o filho pródigo exigiu de seu pai a sua parte da herança e partiu, esbanjando toda a fortuna em pouco tempo. O país em que estava passou por um período de escassez, e o filho pródigo, sem um tostão, fora obrigado a tentar se alimentar do que jogavam aos porcos. Lembrou-se da bondade de seu pai para com seus empregados, que tinham grande fartura. Arrependeu-se e retornou à casa do pai, que lhe ofereceu uma grande festa. Embora existam inúmeras interpretações para este texto (algumas certamente muito louváveis), é comum ouvirmos a versão segundo a qual o ensinamento desta estória seria o de que o filho pródigo jamais deveria ter saído de casa. Seu castigo para tal pecado fora ele ir comer com os porcos, pois ele não precisaria ter experimentado aquela dura realidade se não houvesse sido rebelde.

Tal interpretação é uma verdadeira apologia à mediocridade psicológica do indivíduo, pois aqui o “pecado” de negar seu desejo seria pago com a própria ignorância. O simples fato de decidir-se por algo duvidoso – enfrentar o mundo hostil de forma tão ingênua – prova que sua discriminação da realidade era de fato falha. Mas como melhor aprender sobre a realidade sem conhecê-la diretamente? Deveria ele trocar sua vontade de conhecer o mundo pelas histórias que ouviu a respeito dele? Não deve o herói enfrentar os temidos dragões da psique para retornar a sua verdadeira casa, o *self*? Certamente seu obediente irmão não sofreu os mesmos reveses, mas de que forma enriqueceu ele sua personalidade sabendo (apenas) o que sempre soube? Infelizmente, tal concepção dos fenômenos, se não inspira os mais influenciáveis a uma atitude que sabotará seu próprio desenvolvimento, no mínimo sugere-lhes uma visão corrompida da realidade. Trata-se de julgar uma atitude exteriormente, como sendo algo Mal, sem analisar com mais profundidade os verdadeiros motivos da parábola.

Um outro pressuposto freqüentemente criticado por Jung que também incutiu distorções na atitude ocidental é a ausência do elemento feminino na trindade e entre os ícones cristãos. O panteão e mitologia das diversas civilizações foram abundantes em arquétipos representados como Vênus, Ártemis, Hécate, Circe, Kali, etc. Enquanto isso, Virgem-Maria, como única imagem feminina importante, é o retrato da pureza e da perfeição, o que novamente relega à *sombra* as características mais humanas da feminilidade real. Isso leva o espírito masculino à busca de uma perfeição ideal na mulher, e a consequência de não encontrá-la é uma disfarçada misoginia social. São mulheres e homens que, não aceitando algo muito além de uma virgindade exangue, projetam, em qualquer mulher que não siga o modelo cristão à risca, suas *sombra* e *anima* negativa. A manifestação mais evidente desse problema é facilmente percebida na miríade de adjetivos depreciativos direcionados à mulher (para os quais não existem equivalentes masculinos).

John Dourley afirma que, segundo Jung, a hostilidade do cristianismo em relação à mulher teria tido sua origem na “barbárie e na brutalidade dos caçadores de bruxas e dos inquisidores” (DOURLEY: 1987, p. 85). Ele comenta ainda:

A partir da perspectiva junguiana, essa forma de exclusão do relacionamento por parte da espiritualidade machista, não somente destrói a realidade feminina (e as mulheres que se submetem a esse tipo de espiritualidade), mas também destrói o espírito masculino por ela dominado. De fato, admitindo a premissa fundamental da psicologia junguiana – que o amadurecimento psíquico e, portanto, espiritual, pode acontecer somente por meio de um relacionamento com as energias contra-sexuais presentes na

psique individual e nos outros seres humanos – torna-se difícil negar a ligação que essa teoria estabelece entre a psicologia e a busca da perfeição baseada na exclusão da realidade feminina (ou masculina), tanto no interior como fora da alma individual. Tal concepção da perfeição seria, é inútil afirmá-lo, patogênica para ambos os sexos. (DOURLEY: 1987, p. 85)

Segundo Jung, a solução para esse impasse entre “virtude” e realidade seria a instituição da divindade feminina no panteão cristão, porém, isto está muito longe de ser aceito pelos representantes religiosos, que veriam ameaçada a identidade do cristianismo, assim como sua própria. Porém, a insistência em manter e cristalizar os mesmos ritos e preceitos, é infelizmente um verdadeiro desserviço à humanidade.

Em verdade, a solução para o conflito do cristianismo estaria numa renovação rumo à *totalidade*, ou seja, rumo à integração de tudo o que fora excluído ou ignorado em seus princípios. Como consequência, também a psique ocidental teria condições de integrar seus conteúdos fragmentados, e assim compensar a unilateralidade instituída inicialmente. Contudo, independentemente da influência das religiões e da cultura, cada indivíduo deve ser responsável pelas distorções do próprio entendimento e pelas consequências disso na própria psique. De qualquer forma, a grande obra espiritual de cada um será sempre transcender o apelo de ambos os opostos, rumo à verdadeira e livre vontade do *self*.

#### Referências:

- DOURLEY, J.P. *A Doença que Somos Nós: a crítica de Jung ao cristianismo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- JUNG, C.G. *Psicologia da Religião Ocidental e Oriental*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1983.
- \_\_\_\_\_. *A Dinâmica do Inconsciente*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Jung's Seminar on Nietzsche's Zarathustra*. Princeton: Princeton University Press, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Tipos Psicológicos*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- NIETZSCHE, F.W. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.